

PERSPECTIVA DE FUTURO COM REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DE DESENHOS

Hellen Jennifer Leite Tenório¹
Laila Pordeus de Oliveira²
Ana Carolina Morais Cardoso Azevedo³
Rafaelly Lima Barros Interaminense⁴
Viviane Alves dos Santos Bezerra⁵

RESUMO

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento marcada por diversas mudanças físicas, psicológicas e sociais. Nesta fase da vida, entendida como uma preparação e transição para a vida adulta, é comum que os adolescentes comecem a apresentar preocupação com o futuro, seja no âmbito pessoal ou profissional. Desse modo, é importante que se reflita junto a esse público sobre a temática, de modo a construir possibilidades e ampliar suas perspectivas futuras. Diante disso, o presente trabalho teve como objetivo apresentar uma experiência interventiva que buscou trabalhar a temática das perspectivas de futuro junto com o público adolescente. A intervenção foi realizada com uma turma de 9º ano em uma escola pública integral de Campina Grande/PB. Dela participaram 18 alunos que foram convidados a representar artisticamente a rede social que imaginavam ter dez anos adiante. Para isso, foram utilizados os pressupostos teóricos e metodológicos da Psicologia Social Comunitária. Por meio desse exercício imaginativo, foi possível proporcionar ao grupo um espaço para reflexão sobre suas metas individuais e o propósito da vida escolar. Além disso, a experiência suscitou discussões entre os aplicadores acerca da disparidade entre as perspectivas que os adolescentes estudantes da rede pública podem ter.

Palavras-chave: Adolescência, Intervenções, Escola, Psicologia Comunitária.

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano que implica em mudanças físicas, mentais e emocionais nos indivíduos (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Legalmente, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), considera-se adolescente as pessoas que tiverem a partir de 12 anos até o aniversário de 18. Apesar disso, compreende-se que, para a maioria dos indivíduos, os eventos e mudanças condizentes à adolescência se encontram entre 11 e 21 anos de idade (CAMPOS, 2012).

¹ Advogada (Unifacisa), Especialista em Prática Judicante (UEPB), Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, advhellenleite@gmail.com;

² Graduanda pelo Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, lailapordeus@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, anacarolmca011@gmail.com;

⁴ Graduanda pelo Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, rafaelly.interaminense@aluno.uepb.edu.br;

⁵ Professora orientadora; Psicóloga (UFCG), Mestra em Psicologia Social (UEPB), Professora da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, yvianebezerrapsi@gmail.com.

Embora as definições baseadas na faixa etária sejam importantes para o desenvolvimentos de políticas públicas de saúde, assistência social e educação, diferentes teorias do desenvolvimento sugerem que a definição da adolescência que utiliza como critério a idade cronológica é falha, pois se defronta com controvérsias científicas e, muitas vezes, não leva em conta os diferentes contextos sociais e culturais nos quais os adolescentes estão inseridos (FERREIRA, 2010).

Por esta razão, Erik Erikson, um eminente psicólogo do desenvolvimento, traz em sua definição de adolescência uma perspectiva mais subjetiva. Para Erikson, o desenvolvimento se baseia na evolução de diversos eventos biológicos, psicológicos e sociais universalmente compartilhados, e que cabe ao indivíduo superá-los em um “processo autoterapêutico de cura das cicatrizes criadas pelas crises naturais e acidentais, inerentes ao desenvolvimento.” (CAMPOS, 2012, p.15). Desse modo, o autor compreende que o processo desenvolvimento ocorre em oito fases, são elas: 1. confiança versus desconfiança; 2. Autonomia versus vergonha e dúvida; 3. iniciativa versus culpa; 4. Diligência versus inferioridade; 5. Identidade versus difusão de papéis; 6. Intimidade versus Isolamento; 7. Generatividade versus Estagnação; e, 8. Integridade versus Desespero. Cada uma dessas fases apresenta um conflito primordial que deve ser enfrentado pelo indivíduo com duas saídas possíveis, e a construção sadia do ego depende do seu desempenho na resolução destes conflitos, resultando em uma síntese do passado e do futuro (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

No que se refere especificamente à adolescência, esta seria caracterizada pela quinta fase proposta por Erikson (Identidade versus difusão de papéis), na qual os jovens enfrentam o desafio de formar uma identidade coesa e desenvolver um senso de si mesmos, ou podem cair em uma confusão de papéis e incerteza sobre quem são e qual é o seu lugar no mundo. Desse modo, a principal tarefa do adolescente seria confrontar a crise de identidade, de modo a tornar-se um adulto singular com uma percepção coerente do *self* e com um papel valorizado na sociedade (CAMPOS, 2012). Para Erikson, a identidade do adolescente forma-se, então, quando estes resolvem três questões fundamentais: a escolha de uma ocupação, a adoção de valores sob os quais viver e o desenvolvimento de uma identidade sexual satisfatória (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

No que se refere especialmente ao primeiro ponto, sabe-se que a escolha de uma ocupação tem um papel decisivo na formação da identidade dos adolescentes. Não é a toa que,

desde a infância, a pergunta “o que você quer ser quando crescer?” ecoa nos ouvidos das crianças e torna-se ainda mais presente durante a adolescência, onde o adolescente passa a ser cobrado a dar uma resposta séria para tal questionamento. A relevância dessa discussão fica ainda mais nítida quando observa-se que a temática passou a ser obrigatória dentro do ambiente escolar. De fato, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o componente intitulado Projeto de Vida, passou a ser obrigatório no currículo do Novo Ensino Médio, e tem por intuito proporcionar espaços que provoquem os alunos a pensar sobre a construção de sua identidade e que favoreçam ferramentas e instrumentos para auxiliá-los nas suas escolhas atuais e futuras.

Tendo em vista a centralidade desta temática para o público adolescente, considera-se relevante que ela seja trabalhada não apenas no componente Projeto de Vida, mas também que possa ser incluída, de modo transversal, em outras ações que ocorrem no ambiente escolar. Isso torna-se de particular importância quando considera-se que falar sobre o futuro pode ser angustiante para muitos adolescentes, tendo em vista a pressão culturalmente estabelecida no mundo ocidentalizado, ao tentar responder à pergunta sobre “quem devo ser?”, especialmente em um contexto de contrastes sociais do Brasil. Desse modo, uma vez que as possibilidades de futuro dos adolescentes dependem das oportunidades que lhe são postas, aqueles indivíduos que vivem em condições de vulnerabilidade social e econômica e podem ter visões estreitas acerca do próprio futuro que podem ser ressignificadas dentro da escola.

Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo central apresentar a experiência de uma intervenção que buscou trabalhar as perspectivas futuras junto a adolescentes estudantes de uma escola pública estadual da cidade de Campina Grande/PB. Considera-se que a divulgação de tal experiência contribui para promover discussões e reflexões sobre a necessidade de expandir as perspectivas de atuação e auxiliar os adolescentes a construir suas identidades em solos saudáveis, mesmo perante a possibilidades pouco atraentes.

METODOLOGIA

O trabalho em tela configura-se como um relato de experiência, que visa apresentar as atividades desenvolvidas junto a um grupo de adolescentes com o objetivo de trabalhar suas perspectivas de futuro. As atividades que serão descritas foram realizadas por intermédio do Estágio Básico IV oferecido pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que tem como

fim instrumentalizar os graduandos do curso de Psicologia para a atuação em diferentes contextos comunitários.

Destaca-se que as ações desenvolvidas no referido estágio tiveram como aporte teórico e metodológico os pressupostos da Psicologia Social Comunitária, em diálogo com a Psicologia Escolar e Educacional e a Psicologia do Desenvolvimento. Nesse sentido, as atividades realizadas buscaram identificar demandas latentes para o grupo de alunos e trabalhá-las por meio de intervenções grupais. Assim, durante os meses de março e junho de 2023, foram conduzidas uma série de ações com alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual da cidade de Campina Grande/PB.

Dentre as diferentes atividades realizadas, destacam-se neste trabalho aquelas que tiveram como objetivo discutir as perspectivas de futuro dos estudantes, realizadas nos dias 05 de maio e 23 de maio de 2023.

As intervenções ocorreram em três etapas, sendo estas: aquecimento, momento destinado para a preparação do grupo e estabelecimento de vínculo; escuta, onde os participantes poderiam falar, caso desejassem, sobre alguma questão relevante que estivesse os incomodando; desenvolvimento, sendo este o momento destinado à realização da dinâmica principal; e, fechamento, ocasião em que era realizado um apanhado geral sobre o que havia sido vivenciado naquele dia e os adolescentes podiam trazer suas impressões sobre o encontro. O relato das intervenções com foco na perspectiva de futuro serão apresentadas considerando cada uma dessas etapas e discutidas à luz da literatura pertinente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A intervenção realizada, aqui chamada de “Refletindo sobre o futuro e os projetos de vida”, precisou de materiais de papelaria e aconteceu na sala de aula. Foi escolhida em razão da idade dos alunos, que tinham em média 14 anos.

Considerando ainda o momento da vida escolar correspondente ao final do ensino fundamental, ponderou-se que seria válido conduzir os alunos a refletirem sobre quem querem ser e quem imaginam que serão no futuro, para que possam perceber que os esforços atualmente investidos possuem o propósito de realizar seus sonhos.

Ademais, todas as atividades grupais mantiveram o mesmo esqueleto, sendo ele: aquecimento, escuta, dinâmica principal e fechamento. Outrossim, desde a primeira intervenção, as estratégias do trabalho eram baseadas na Psicologia Social Comunitária.

No total, pelo estágio básico componente curricular da graduação, foram realizadas cinco intervenções, supervisionadas pela professora orientadora, com o intuito de trabalhar aspectos como a comunicação, a empatia, e o respeito. Além disso, também foram investigados fatores como as emoções, ansiedade, dependência emocional, relações interpessoais, autoestima e autoimagem.

A turma do 9º B era composta por cerca de 21 alunos, em torno de 9 meninos e 11 meninas, a grande maioria com idade entre 14 e 16 anos. A maior parte dos alunos eram novatos. Alguns alunos apresentaram ansiedade, um aluno se ausentou das atividades escolares nas últimas semanas que fizemos visita, por estar com depressão e duas alunas mencionaram que já se auomutilaram. Além disso, havia um índice que oscilava em torno de 15% de alunos faltantes a cada intervenção.

A princípio, demonstraram serem pouco comunicativos em grupo, o que se confirmou durante as intervenções. Apesar de não serem tímidos, por ser uma turma muito diversa entre si, os alunos não se uniram para engajarem nas atividades propostas.

A intervenção aqui detalhada aconteceu fracionada em duas semanas, em que o subgrupo de estágio, contando com cinco estagiários/as utilizou uma dinâmica em grupo que utilizava o instagram como ferramenta interventiva, contudo, de maneira não virtual, a qual consistia em entregar um papel com um *layout* similar a um perfil do instagram aos/as alunos/as e, assim, eles/as deveriam confeccionar com desenhos e descrições na “bio” como imaginavam que seria o próprio perfil em uma rede social 10 anos a frente.

Essa abordagem foi escolhida devido às características da turma, pois no primeiro encontro observou-se que não gostavam muito de falar sobre o que sentiam, quando isso era perguntado de forma direta. Assim, os/as estagiários/as acreditavam que fornecendo algum estímulo os/as alunos/as se sentiriam mais à vontade para compartilhar o que pensavam e sentiam com aquela criação artística. Logo, foram disponibilizados materiais de papelaria para incentivá-los a organizar diferentes áreas do conhecimento e, principalmente, a potencializar suas habilidades criativas.

Diante do tempo disponível, que foi de cinquenta minutos, a intervenção precisou ser dividida em duas fases.

1. A primeira aconteceu no dia 05/05/2023, às 7h20 na sala de aula do nono ano B.

De início, foi estabelecido um contrato de sigilo com os participantes, incluindo os estagiários facilitadores das dinâmicas sobre as trocas dentro das intervenções grupais, como também o que era falado nos momentos de escuta, eis que era proibido gravar qualquer conteúdo naquele momento.

Após este primeiro contato, foi feito um aquecimento de alongamento coordenado por duas das estagiárias, embalado por músicas relaxantes, com o intuito de sincronizar o grupo para a posterior dinâmica, como também, facilitar o processo de escuta feito logo em seguida.

Nesse contexto, a queixa condutora da escuta feita em sala foi que no dia anterior havia ocorrido a “caminhada da paz”, organizada pela escola e como foi um evento longo, em um dia bastante quente, os/as alunos/as não foram alimentados corretamente, o que acarretou em um efeito contágio de crises de ansiedade na instituição, aterrorizando os/as estudantes de forma massiva e tal incidente foi muito criticado pelos/as alunos/as, bem como a falta de responsabilidade por parte dos gestores por desconsiderar que as circunstâncias eram prejudiciais à saúde deles/as.

Os principais comentários narraram que se sentiram violados, com medo e que não esperavam essa atitude de uma instituição educacional. Durante a escuta, na qual também estava presente a professora orientadora do estágio, que manejou de maneira profissional e ética as demandas dos/as estudantes, as falas foram acolhidas e foi permitido que os/as adolescentes expusessem seus sentimentos através de um psicodrama, em que um aluno expressou bastante raiva.

Após o momento de escuta, a intervenção foi executada e liderada por uma das estagiárias, que direcionou os alunos com as instruções devidas da dinâmica e eles a entregaram depois de cerca de 30 minutos.

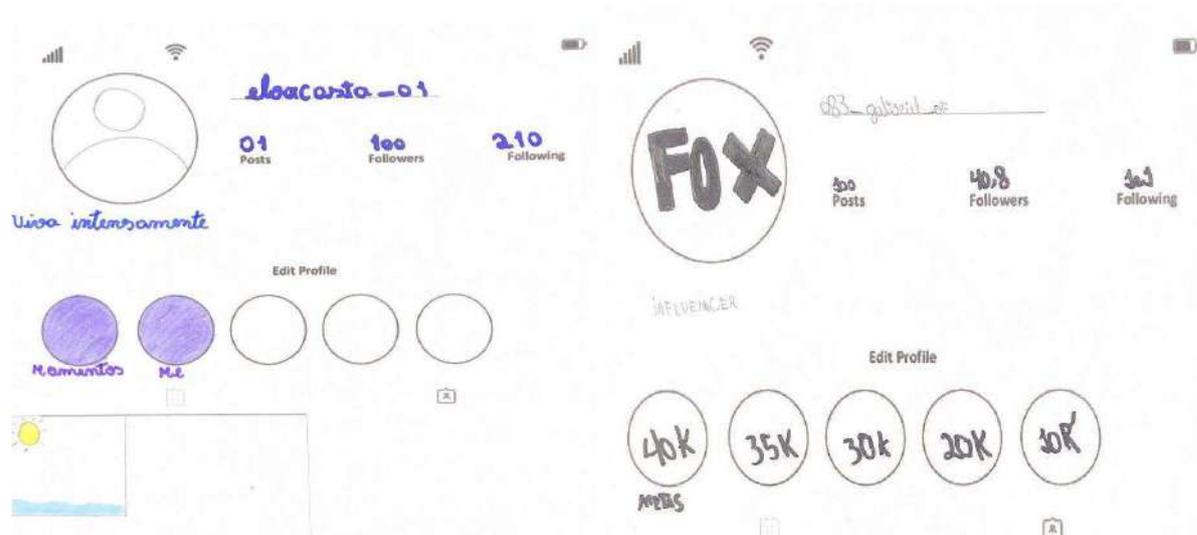
Devido o decorrer do tempo, a devolutiva e fechamento sobre as redes sociais elaboradas foi adiada para a próxima intervenção, que seria na semana seguinte.

2. No dia 12/05/2023, às 9h30, para dar continuidade à intervenção, iniciou-se com o aquecimento, que consistiu em formar duplas entre os/as alunos/as e estimulá-los/as a criarem coreografias, cada um em frente para o seu próprio parceiro, com o objetivo de que este copiasse os passos criados, enquanto músicas eram reproduzidas. O intuito foi o de deixar os/as participantes relaxarem e se conectarem também com os/as aplicadores/as que participaram desse momento. Observou-se que a turma realmente se engajou nas danças inventadas e o objetivo foi alcançado.

Finalizado o aquecimento, passou-se para o momento de escuta, em que os alunos foram encorajados a compartilhar o que estivessem sentindo, mas eles disseram que estavam bem e preferiram não falar nada além disso.

Finalmente, no momento principal da vivência, foram devolvidos aos donos presentes os “instagrams do futuro” elaborados na semana anterior, e cada um dos/as participantes pôde apresentar para o grupo o que escreveu.

Figura 1. Produção realizada na dinâmica “refletindo sobre quem eu sou e quem eu quero ser”.



Fonte: Elaboração Própria, 2023.

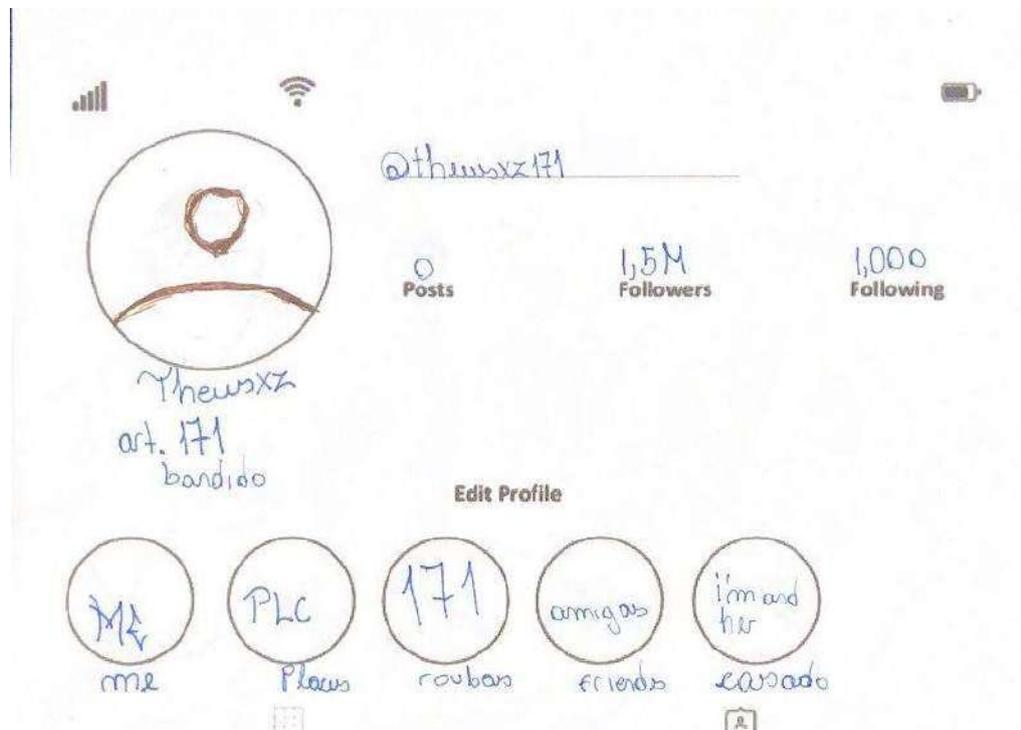
Destacou-se um aluno que pretendia se tornar um influenciador digital famoso; outros que tinham interesse em seguir na carreira militar; e por fim, um aluno que disse querer se tornar advogado. Outros/as ainda mencionaram o desejo de casar e ter filhos. Porém, a

maioria dos/as alunos/as se recusou a apresentar para a turma, sob a justificativa de terem vergonha.

Tanto os meninos como as meninas apresentaram interesse em constituir casamento no futuro, assim como no desejo de terem filhos. Com relação às profissões, os padrões de gênero não foram manifestamente reafirmados, visto que duas meninas demonstraram o desejo de se tornarem policiais militares e dois meninos expressaram o desejo de serem influenciadores digitais. Uma aluna expressou que na sua rede social atual não exibia sua orientação sexual, mas no futuro deixaria explícito que é lésbica, assim como teria um destaque para sua futura esposa.

Entretanto, um dos meninos construiu sua rede social como o lugar onde exibirá seus futuros roubos e que sua profissão seria a de ladrão. Ele também incluiu um destaque para futuros amigos e será casado.

Figura 2. Produção realizada na dinâmica “refletindo sobre quem eu sou e quem eu quero ser”.



Fonte: Elaboração Própria, 2023.



Por conseguinte, foi realizado o fechamento, no qual se comentou a importância de ter uma perspectiva de futuro e de se sentir como protagonista da sua própria vida, ademais, foi ressaltado que o intuito da intervenção foi levar os/as alunos/as a refletirem sobre a fase que estão atualmente e que a adolescência não é o fim, é apenas um período de transição.

Como ainda havia tempo, diante da necessidade percebida na última semana de uma psicoeducação sobre ansiedade, perguntou-se aos alunos sobre o que eles acreditavam que era ansiedade e formas de manejo, para que uma discussão fosse estabelecida. Feito isso, abriu-se o espaço almejado para que, ao final, fosse apresentada a visão da psicologia sobre ansiedade e sugestões dos manejos mais adequados, baseados em técnicas da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), destacando ainda a importância de auxílio profissional para tal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como principal objetivo apresentar uma experiência interventiva que buscou trabalhar a temática das perspectivas de futuro junto com o público adolescente de uma turma de 9º ano em uma escola pública integral de Campina Grande/PB. A partir da análise dos dados do diário de campo, foi possível estimular os/as alunos/as a refletirem acerca de suas metas pessoais de maneira interativa.

A experiência, apesar de restrita, possibilitou verificar que diante de diferentes contextos de vida, as oportunidades também são distintas, de modo que muitos adolescentes, em razão do contexto em que estão inseridos, e com o objetivo de construir uma identidade individual que os permitam fazer parte de um grupo, aceitam a inserção na criminalidade.

Além disso, a atividade realizada, juntamente com os resultados obtidos propiciou a reflexão a respeito da necessidade de realização de mais ações voltadas para o público adolescente, a fim de orientar, mitigar a ansiedade e evitar processos de adoecimento.

Por fim, pretende-se, a partir do relato aqui exposto incentivar a produção de material acadêmico e a expansão de atividades vocacionais para adolescentes da rede de ensino público, visto que, em razão do contexto social muitas vezes precários, em que os alunos se encontram, as possibilidades lhes são ocultas.



REFERÊNCIAS

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia na adolescência: normalidade e psicopatologia**. 24^a ed. Petrópolis, Vozes, 2012.

FERREIRA, T. H. S. **Adolescência através dos Séculos**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 26, n. 2, pp. 227-234. 2010.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2013.